

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 10 | Nº 29 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.6403339>



NOTAS ACERCA DO FASCISMO

*Michel Goulart da Silva**

Resumo

Discute-se neste ensaio as possibilidades de uso do conceito de fascismo a partir de alguns aspectos presentes em estudos clássicos acerca do tema. Para tanto, são apresentados alguns aspectos das ideias elaboradas por Leon Trotsky e William Reich. Procura-se no texto, ademais, identificar os elementos do conceito com a realidade atual situação política e social por que passa o Brasil.

Palavras chave: Conservadorismo. Fascismo. Wilhelm Reich.

Abstract

The possibilities of using the concept of fascism are discussed in this essay based on some aspects offered in classical studies on the subject. In order to do so, some aspects of the ideas developed by Leon Trotsky and William Reich have been discussed. This text also seeks to identify the elements of the concept within the current political and social situation that Brazil is going through.

Keywords: Conservatism. Fascism. Wilhelm Reich.

Nos últimos anos, observa-se o crescimento de posições políticas com base em ideias conservadoras, que se expressam em pelo menos três aspectos. O primeiro e mais evidente é o crescimento da popularidade de lideranças políticas reacionárias, especialmente Jair Bolsonaro. O segundo, mais difuso, passa pela proliferação de ideias conservadoras, que se manifestam, entre outras formas, nas posições de ódio contra as esquerdas e no crescimento de um moralismo religioso que defende a chamada “família tradicional”. O terceiro aspecto tem relação com o fato de esse conservadorismo se manifestar no crescimento de organizações militantes, em especial em grupos como MBL e o Vem para a Rua, e até mesmo no reaparecimento de ideias de extrema direita que marcaram outros momentos históricos, como o integralismo e o nazismo¹.

Esses fenômenos fazem com que se tenha teorizado acerca de uma “onda conservadora” ou que se exagere acerca da importância do crescimento de organização fascistas no Brasil. Embora seja perceptível o fenômeno do conservadorismo ou mesmo do fascismo, sua presença na sociedade brasileira continua a ser pequena, havendo inclusive uma grande rejeição por parte da maior parte da

* Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e no Programa de Pós-Graduação em História da UDESC. Atua no Instituto Federal Catarinense (IFC). Este artigo parte de temas anteriormente discutidos em Silva (2018). E-mail para contato: michelgsilva@yahoo.com.br

¹ Os diferentes aspectos desse recente ascenso do conservadorismo foram anteriormente abordados em Silva (2019, 2020, 2021 e 2022a, 2022b).



população. Por isso, é necessário que se tenha cuidado no uso de conceitos como o de “fascismo”, sob o risco de fazer um uso que não condiz com a realidade do fenômeno. Esse problema do uso equivocado do conceito não parece ser exclusivo da atualidade. Konder (2009, p. 25) escreveu, na década de 1970:

Por seu teor explosivo, a palavra “fascista” tem sido frequentemente usada como arma na luta política. É compreensível que isso ocorra. Para efeito de agitação, é normal que a esquerda se sirva dela como epíteto injurioso contra a direita. No entanto, esse uso exclusivamente agitacional pode impedir a esquerda, em determinadas circunstâncias, de utilizar o conceito com o necessário rigor científico.

Nesse sentido, é fundamental o estudo acerca do fenômeno fascista em outros momentos, comparando com contextos políticos diversos e estudando obras que os tenham analisado, de tal forma a apontar para um método de compreensão da realidade que possibilite evitar o uso equivocado do conceito. Uma obra fundamental nesse debate é *Psicologia de massas do fascismo* (1933), na qual Wilhelm Reich busca analisar os elementos subjetivos que levaram uma parcela massiva da população alemã a apoiar o nazismo. Sua obra dialoga com os escritos do revolucionário russo Leon Trotsky produzimos no mesmo contexto e que também analisam o fenômeno de ascenso do nazismo na Alemanha.

Um elemento de convergência entre Reich e Trotsky passa pela avaliação de que o Partido Comunista Alemão (PCA), com uma compreensão equivocada acerca da situação política concreta, ao não reconhecer o perigo do crescimento do nazismo, acabou por ter uma parcela de responsabilidade pela vitória da extrema direita. Segundo Trotsky, “os comunistas e os socialdemocratas poderiam ter organizado a unidade defensiva”, mas “a cegueira dos dirigentes o impediu” (TROTSKY, 1976, p. 201). Para Reich, o marxismo mecanicista predominante no período limitou sua análise à esfera dos processos objetivos da economia e das políticas governamentais, sem compreender nem estudar o desenvolvimento e as contradições do chamado “fator subjetivo” da história. Essa formulação teórica que no período predominava no PCA, chamada por Reich de “marxismo comum”, separa a existência econômica da existência social e afirma, de forma equivocada, que a ideologia e a consciência são “determinadas *exclusiva e diretamente* por sua existência econômica” (REICH, 2001, p. 13-14).

Segundo Reich, para compreender o processo de produção da consciência, seria preciso levar em conta que as condições materiais não produzem mecanicamente a estrutura psicológica das massas, ou seja, “a ideologia de cada agrupamento social tem a função não só de refletir o processo econômico dessa sociedade, mas também – e principalmente – de inserir esse processo econômico *nas estruturas psíquicas dos seres humanos dessa sociedade*” (REICH, 2001, p. 17). Os seres humanos estão sujeitos às condições de sua existência tanto de um modo direto, pelos efeitos imediatos da sua situação



socioeconômica, como de um modo indireto, pela estrutura ideológica da sociedade. Segundo Lenin (1982, p. 244-245),

o ser social e a consciência social não são idênticas, exatamente como não são idênticos o ser em geral e a consciência em geral. Do fato de que os homens, ao estabelecerem um intercâmbio, o estabelecem como seres conscientes, *não se segue* de modo nenhum que a consciência social seja idêntica ao ser social. Em todas as formações sociais minimamente complexas – e particularmente na formação social capitalista – os homens, ao estabelecerem um intercâmbio, *não têm consciência* de quais as relações sociais que se formam, das leis segundo as quais elas se desenvolvem etc.

Diante da simplificação da realidade feita pelo “marxismo comum”, Reich, analisando a Alemanha pré-nazista, lembra que “o trabalhador não é nem nitidamente reacionário nem nitidamente revolucionário, mas está enredado nas contradições entre tendências reacionárias e tendências revolucionárias” (REICH, 2001, p. 22). Essa afirmação de Reich é fundamental para não se atribuir aos trabalhadores uma tendência quase que natural a qualquer uma das posições, sendo preciso analisar a situação concreta, suas contradições e como isso se expressa na formação de ideologias e da própria consciência das diferentes classes e suas frações. Reich (1976, p. 14) enfatiza que, por mais contraditório que isso possa ser, o fascismo “tomou o poder precisamente com a ajuda dos sentimentos anticapitalistas dos seus partidários”. Konder (2009, p. 37) corrobora essa compreensão, ao apontar que

[...] tanto na Alemanha quanto na Itália, os trabalhadores eram convidados a ver em seus compatriotas capitalistas não os beneficiários de um sistema social baseado na exploração interna, mas sim *colegas proletarizados (ou em vias de proletarização), vítimas de um sistema de exploração internacional*.

O uso demagógico das ideias antissistema é recorrente nessas ideologias reacionárias. Por isso, é fundamental analisar a situação concreta, os interesses políticos e a perspectiva ideológica das diferentes classes ou de suas frações. Nesse sentido, segmentos heterogêneos, como as diferentes classes médias, acabam por oscilar entre as diferentes posições de classes existentes. Para Trotsky (1994, p. 34),

a sociedade burguesa contemporânea se compõe de três classes: a grande burguesia, o proletariado e as classes médias, ou pequena burguesia. As relações entre estas classes determinam, em última instância, a situação política. As classes fundamentais são a grande burguesia e o proletariado. Estas duas classes são as únicas que podem ter uma política independente, clara e consequente. A pequena burguesia se caracteriza por sua dependência econômica e sua heterogeneidade social. Sua camada superior toca imediatamente a grande burguesia. Sua camada inferior se mescla com o proletariado, e chega mesmo a cair no estado de lumpemproletariado. De acordo com sua situação econômica, a pequena burguesia não pode ter uma política independente. Oscila sempre entre os capitalistas e os operários.

Reich aponta que a base social da extrema direita está centrada nos setores médios da sociedade. O nazismo teria se apoiado em largas camadas das classes médias, ou seja, em “milhões de funcionários



públicos e privados, comerciantes de classe média e de agricultores de classe média e baixa” (REICH, 2001, p. 37). Essa classe média, que antes havia apoiado a democracia burguesa, sofreu uma transformação interna, responsável por sua mudança de posição política. Reich afirma que “a classe média baixa fascista é igual à classe média baixa liberal-democrática; apenas se distinguem porque vivem em diferentes fases históricas do capitalismo” (REICH, 2001, p. 37). Para Reich, a posição social da classe média é determinada pela sua localização no processo de produção capitalista, no aparelho de Estado autoritário e por sua situação familiar especial. Essa análise da composição social do fascismo também é apresentada em outras análises, como nos textos de Leon Trotsky, quando, entre outras coisas, afirma:

Os principais efetivos do fascismo continuam a ser constituídos pela pequena burguesia e pela nova classe média que se formou: pequenos artesãos e empregados do comércio nas cidades, funcionários, empregados técnicos, intelectuais, camponeses arruinados (TROTSKY, 2011, p. 45).

Outro aspecto relevante da análise de Reich foi a sua crítica às interpretações do PCA. Segundo Reich (2001, p. 7), o “marxismo comum”, representado pelo PCA, afirmava que a crise econômica então vivenciada “conduziria *necessariamente* a uma orientação ideológica esquerdista das massas por ela atingidas”. Contudo, a esperada virada à esquerda na ideologia das massas acabou conduzindo a uma virada para a direita inclusive em setores das camadas proletárias da população, resultando em “uma clivagem entre a base econômica, que pendeu para a esquerda, e a ideologia das largas camadas da sociedade, que pendeu para a direita” (REICH, 2001, p. 7).

Uma crítica à compreensão mecânica do desenvolvimento da consciência dos operários também foi estudada por Trotsky. Entre outros elementos, o revolucionário russo procurou analisar como esse fenômeno se expressava no comportamento eleitoral dos trabalhadores. Segundo Trotsky (2011, p. 57),

o fato de que cinco ou seis milhões de operários e operárias tenham votado na socialdemocracia não significa, absolutamente, que lhe tenham dado confiança plena e ilimitada. É preciso não considerar os operários socialdemocratas como cegos, e eles não são tão ingênuos a respeito de seus dirigentes, mas não veem outra saída para a situação atual. Não falamos, evidentemente, da aristocracia e da burocracia proletária, mas dos operários da base. A política do KPD não conquista a sua confiança, não porque o KPD seja um partido revolucionário, mas porque eles não acreditam na sua capacidade de alcançar uma vitória revolucionária, e por isso não desejam arriscar a cabeça sem proveito.

O fato de setores de massas penderem para a direita tem relação com um amálgama de sentimentos, preocupações e perspectivas em meio à situação concreta de crise. Embora nesse processo possa-se observar a ligação das massas com a figura de Hitler, esse fato sozinho não explica o processo como um todo. Segundo Reich, o representante de uma ideia só pode ter êxito “quando a sua visão individual, a sua ideologia ou o seu programa encontram eco na estrutura média de uma ampla camada



de indivíduos” (REICH, 2001, p. 32). Nesse sentido, segundo Reich, referindo-se ao êxito do nazismo, “foi a estrutura humana autoritária, que teme a liberdade, que possibilitou o êxito de sua propaganda. Por isso, a importância de Hitler, do ponto de vista sociológico, resulta, não da sua personalidade, mas da importância que lhe conferem *as massas*” (REICH, 2001, p. 32).

Reich também analisa o discurso moralista e a defesa da família patriarcal em sua relação com o nazismo. Segundo Reich, “o objetivo da moralidade é a criação do indivíduo submisso que se adapta à ordem autoritária, apesar do sofrimento e da humilhação”, sendo a família “o Estado autoritário em miniatura, ao qual a criança deve aprender a se adaptar, como uma preparação para o ajustamento geral que será exigido dela mais tarde” (REICH, 2001, p. 28). Reich afirma que o combate à sexualidade das crianças e dos adolescentes na sociedade autoritária “processam-se no quadro da família autoritária, que se tem revelado a melhor instituição para levar a cabo esse combate com êxito” (REICH, 2001, p. 51). O medo da “liberdade sexual”, que nas concepções reacionárias “se confunde com o caos sexual e a dissipação”, inibe o “desejo de libertação do jugo da exploração econômica” (REICH, 2001, p. 55). Nessa relação de fatores tanto econômicos como estruturais, “a família autoritária apresenta-se como a principal e a mais essencial fonte reprodutora de todo o pensamento reacionário; é a fábrica onde a ideologia e a estrutura reacionária são produzidas” (REICH, 2001, p. 55).

Essa questão da família acaba sendo aproximada da ideia de nação, fazendo com que o fascismo se aproprie de elementos retóricos nacionalistas. Contudo, esse nacionalismo “por seu conteúdo de classe e pelas condições em que é posto em prática, *exige a manipulação das massas populares*” (KONDER, 2009, p. 39-40). Essa ideia de nação dos fascistas, “apesar de sua fragilidade intrínseca”, teve como consequência o fato de que “o fascismo conseguiu recrutar adeptos em todas as classes sociais (inclusive nas classes que nada teriam a lucrar com a sua política) (KONDER, 2009, p. 43).

Deve-se destacar ainda que a extrema direita não é um movimento conservador homogêneo. Reich (2001, p. XVIII) aponta que o fascismo “não é, como geralmente se crê, um movimento exclusivamente reacionário, mas sim um amálgama de sentimentos de *revolta* e ideais sociais reacionários”. Na base dos movimentos de extrema direita encontra-se sentimento de mudança diante da crise social, o que não necessariamente leva a uma mudança progressista, diante da ausência de uma direção política dos trabalhadores. A situação econômica não se traduz automaticamente em consciência política pelo fato “de que as *contradições* da estrutura econômica da sociedade estão enraizadas na estrutura psicológica das massas oprimidas” (REICH, 2001, p. 22).

Trotsky, ao fazer uma avaliação da chegada ao poder de Hitler, em 1933, procurava também demonstrar essa dialética entre situação concreta, ideologia e até mesmo psicologia. Segundo Trotsky (1976, p. 200-201),



o movimento de Hitler conquistou a vitória graças aos esforços de dezessete milhões de desesperados, o que demonstra que a Alemanha perdeu a fé em uma Europa decadente, convertida pelo Tratado de Versalhes em um manicômio sem camisas de força. O triunfo do partido do desespero somente foi possível graças a que o socialismo, o partido da esperança, foi incapaz de tomar o poder.

Compreender o fascismo e seu ascenso, seja na década de 1930, seja em suas expressões mais recentes, vai muito além de denúncias que esquecem seu conteúdo de classe, confundindo o uso explicativo do conceito com o uso como ferramenta de disputa política. Portanto, a vulgarização de seu uso, remetendo a ele qualquer movimento de direita ou manifestação de conservadorismo, faz com que o combate a ele seja enfraquecido, diluindo seu conteúdo em fenômenos de diferentes naturezas. Por outro lado, ao esvaziar seu conteúdo de classe, simplificando-o a uma mera manifestação ideológica, faz com que se perca a noção da necessidade de se lutar contra o capitalismo. Nesse sentido, o socialismo precisa não apenas tomar o conceito de fascismo em seu caráter científico, analisando os fenômenos da realidade, como efetivamente mobilizá-lo no combate aos todos os movimentos reacionários e conservadores.

REFERÊNCIAS

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LÊNIN, Vladimir Il'ich. **Materialismo e empiriocriticismo**. Moscovo: Progresso / Lisboa: Avante, 1982.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massa do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REICH, Wilhelm. **O que é consciência de classe?** São Paulo: Martins Fontes, 1976.

SILVA, Michel Goulart da. **Brasil no tempo presente**. Boa Vista: Editora IOLE, 2021.

SILVA, Michel Goulart da. "O Escola Sem Partido como expressão do ideário militar". **Germinal**, vol. 10, n. 3, 2019.

SILVA, Michel Goulart da. "Notas acerca do conservadorismo". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 9, n. 25, 2022a.

SILVA, Michel Goulart da. **Governo Bolsonaro: ideologia, política e luta de classes**. Boa Vista: Editora IOLE, 2022b.

SILVA, Michel Goulart da. "Reflexões sobre o marxismo cultural". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 1, n. 3, 2020.



SILVA, Michel Goulart da. **Os riscos da democracia**: da “transição lenta e gradual” à “onda conservadora” (Relatório de Pós-Doutorado). Florianópolis: UDESC, 2018.

TROTSKY, Leon. **Aonde vai a França**. São Paulo: Desafio, 1994.

TROTSKY, Leon. **Escritos (1932-33)**, tomo IV, vol. 1. Bogotá: Pluma, 1976.

TROTSKY, Leon. **Revolução e contrarrevolução na Alemanha**. São Paulo: Sundermann, 2011.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 10 | Nº 29 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima